

# NINF()MANÍACA

*Nymphomaniac*

de Lars von Trier

com Charlotte Gainsbourg, Stellan Skarsgård, Stacy Martin, Shia LaBeouf, Jamie Bell, Christian Slater

Dinamarca, 2013 – 242min | M/18

**Festival de Berlim – Seleção Oficial | Festival de Veneza – Seleção Oficial**

*Nymph()*maniac é a história selvagem e poética da viagem de uma mulher desde o nascimento até aos 50 anos, contada pela personagem principal, Joe. Numas noites frias de Inverno, um solteiro velho e encantador, Seligman, encontra Joe num beco, espancada. Leva-a para o seu apartamento onde cuida das suas feridas enquanto procura saber mais da sua vida. Escuta atentamente enquanto Joe, durante 8 capítulos, revela a multifacetada história da sua vida.

## A rapariga não o pode evitar

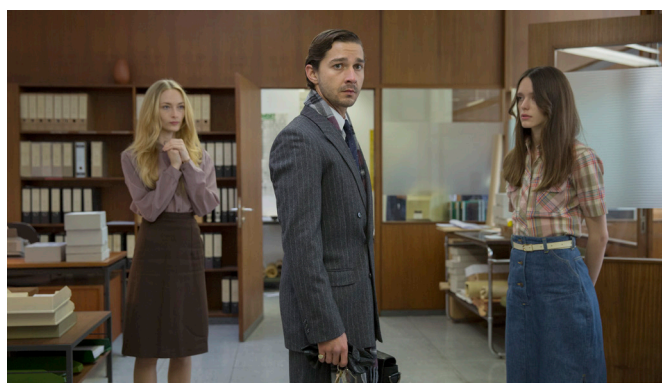
Há imensos cineastas cujo trabalho ocupa as categorias de amor ou ódio, mas Lars von Trier é uma raridade já que a sua obra consegue ser simultaneamente amada e odiada. Podemos dar connosco a apreciar a sua inventividade ou audácia enquanto recuamos quanto ao narcisismo e talvez um certo auto-reconhecimento mimado da sua capacidade de provocar. Muitos encaram von Trier simplesmente como controverso, disposto a obter uma resposta ou reacção dos críticos e do público. Contudo, não há como negar que é um especialista a orquestrar um espectáculo. O lançamento de *Ninfomaniaca* foi antecipado vários meses com extractos de *teasers* no elegante site do filme, enquanto que qualquer tentação de levar a longa-metragem demasiado a sério (ou de pensar que o seu criador o faz) foi anulada com trabalho visual a mostrar a “cara de orgasmo” dos actores. Entretanto, o facto de von Trier se ter recusado a falar publicamente desde *Melancholia* [...] aumentou o misticismo em torno de *Ninfomaniaca*. [...]

*Ninfomaniaca* não é um objecto cultural fácil de definir. É um filme lançado em dois volumes “separados”, num total de quase quatro horas, reduzidas das cinco horas e meia originais. [...] O Festival de Berlim estreou o Volume I sem cortes (com uma duração de 145 minutos), contrastando com a versão lançada nas salas de cinema – 117 minutos – mas as diferenças foram menos substanciais do que o esperado. Foram incluídas mais imagens de genitália masculina e feminina, *close-ups* de *cunnilingus* e inserções cirúrgicas durante um aborto, enquanto um pénis erecto que parecia claramente pertencer a Shia LaBeouf fez várias aparições. Seja como for [...] os créditos finais do filme especificam que os actores profissionais não participaram em actos sexuais que envolvessem penetração [...]



**«E *Ninfomaniaca* é talvez o mais belo dos filmes de Lars von Trier até hoje. O mais solitário também, o mais meteórico. Há quanto tempo não víamos um filme que nos pudesse guiar, como Marcellus [personagem de Hamlet] ao outro lado da noite?»**

Antoine Mouton, *Trafic*



O filme aborda claramente a vida de uma mulher viciada em sexo – o termo preferível nestes dias, conforme o terapeuta da heroína faz questão de relembrar, apesar de Joe, encarnada por Charlotte Gainsbourg, reclamar militantemente o arcaísmo misógino “ninfomaniaca” (sentimos que aquilo de que mais se orgulha é o excesso de energia contido em “maniaca”). O filme começa quando a protagonista ferida e com nódoas negras é encontrada por Seligman, um solteiro solitário e erudito. Este leva Joe para o seu apartamento, oferecendo-lhe chá e abrigo, e ela conta-lhe a história da sua vida, que é desde logo primariamente sobre sexo: “Descobri a minha vagina quando tinha 2 anos.” Dividida em oito capítulos com títulos, o filme é composto por um fio condutor digno de um romance pitoresco, com o qual Joe parece improvisar recorrendo a objectos que encontra na casa de Seligman, ao estilo de *Usual Suspects*.

Nesta narrativa, Joe – cuja versão mais jovem é interpretada por Stacy Martin – embarca numa odisséia sexual sem descanso que inclui experiências de infância, a perda da virgindade, uma engenhosa troca de vários parceiros, sessões com um mestre em sadomasoquismo, e finalmente uma carreira no crime como cobradora de dívidas. O conhecimento íntimo que Joe tem do seu desejo parece dar-lhe a experiência necessária para pressionar as suas vítimas. O título sensacionalista da longa-metragem alude aos anos 1970, período em que *Ninfomaniaca* se desenrola parcialmente; uma era de tensão para o cinema sobre sexo por se vender a si própria baseando-se na ideia de escândalo e desejo feminino em excesso[...]

O filme põe frente a frente a promiscuidade de Joe com a sua própria promiscuidade visual. A sua expansão enciclopédica é sumptuosamente ilustrada pelo director de fotografia Manuel Alberto Claro, pondo à disposição do espectador a variedade de estilos cinematográficos mais alargada do que aquela que vimos nos filmes anteriores de von Trier: há episódios a cores, a preto e branco, ecrãs divididos, legendas sobrepostas, e mudanças na relação de aspecto. Há inserções breves, coladas no filme como se este se tratasse de um álbum de recortes – fragmentos de imagética de sonhos, uma imagem rodada para o lado que ilustra as estranhas parecenças entre um olho e uma vagina, dependendo do nosso ponto de vista, arte de todos os tipos (e filme) com acenos históricos a Balthus e Muybridge etc. Há até a recuperação (ainda que cínica), com uma reviravolta da câmara lenta *kitsch* e manipuladora, do “prelúdio” a *Melancolia*: a derradeira apontamento de von Trier à sua mitologia. [...]



Apesar do seu tema, e copioso conteúdo gráfico, *Ninfomaniaca* continua austeramente à margem de qualquer erotismo. Parte disso deve-se a sexo desprovido de *glamour*, ao corpo magro e pálido de Stacy Martin, dotada da vulnerabilidade crua de um nu de Munch. Ao mesmo tempo, há uma montagem cômica e clínica de close-ups de pênis flácidos (a equivalente a fotos de passe penianas). Esta frontalidade também se deve ao facto de *Ninfomaniaca* abordar a necessidade de sexo, em oposição à possibilidade de satisfação. A ambição de Joe é desmedida e só tem fim quando é interrompida com o desfecho do Volume I, numa altura em que anuncia abruptamente: “Não consigo sentir nada.” Paradoxalmente, esta constatação torna-a refém de uma maior necessidade - “cauterizada” por estimulação excessiva, Joe perde a ânsia que a define, atravessando grande tormenta: o desejo pelo próprio desejo (é difícil não rever neste *burnout* sexual, em parte, uma analogia do realizador às dificuldades da exaustão artística). [...] É sugerido que Joe tem poucas fontes de felicidade duradoura: uma delas é a companhia de um pai condenado que lhe passa o seu amor pela natureza e especialmente por árvores; outra é um breviário pessoal onde prensa folhas. *Ninfomaniaca* lembra-nos vezes sem conta e explicitamente que tudo é diferente consoante o ponto de vista. [...]

Jonathan Romney, *Film Comment*, Março-Abril 2014



«Joe projecta e conta a sua vida à sua maneira, em oito capítulos com títulos e “entradas” diferentes, a partir de oito objectos presentes no quarto de Seligman – traço que aproxima o relato das aventuras de Philémon, de Fred, onde são os objectos que permitem entrar nas histórias – misturando as formas de desvelamento ou revelação epifânica no meio das digressões do seu interlocutor: Seligman mantém-se no papel de espectador, um espectador omnipresente, por vezes exegeta, conselheiro técnico e impulsionador, que não deixa de comentar e divagar - divagações nas quais Joe justamente se apoia, como uma alpinista da palavra, para subir aos cumes inalcançáveis da sua história.

[...]

É muito belo: “O pescador à linha perfeito”, abertura de um grande classicismo; “Jerôme”, uma comédia romântica, tipo “foges-me e eu persigo-te”, tratada em modo depressivo; “Madame H”, um conto cruel e não tão engraçado assim; “Delirium”, fria narração sobre a morte, que toca com assombro e resignação o lugar proibido e a luz cega do luto; “A pequena escola de órgão”, coração e vértice do filme, digressão sobre o funcionamento da própria narrativa, com a sua malha entrelaçada de estilos; “A Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente (o pato silencioso)”, o momento que aproximaria mais *Ninfomaniaca* de um romance de formação sexual, numa forma nipo-sadiana (se o filme na sua totalidade lembra pela sua amplitude e fantasia *Love Exposure*, este capítulo da narrativa aparenta-o a um outro filme mais negro de Sono Sion, *Guilty of Romance*); “O espelho”, curto relato de reabilitação falhada; por fim “A pistola”, ou a história de Joe retomada sob a forma de filme negro, com um *flash-forward* em abertura (o carro incendiado), *gangsters*, uma ambiguidade de princípio nas relações amorosas, um inverosímil deus *ex machina* e um fim negro e sarcástico que acaba por recortar o início do filme... O espaço que separa a visão lunar, de uma palidez devoradora e uma passividade vampiresca, de Stacy Martin, e a dureza e prostração que habitam Charlotte Gainsbourg, parece incompatível, mas, no entanto, aceitamo-lo, como aceitamos que uma pessoa acabe, levada pela força do desespero desta vida de cão, por não se parecer com nada. O que *Ninfomaniaca* explora é a hipótese que para contar qualquer vida que seja, é preciso misturar géneros tão diferentes e tons tão contraditórios que o resultado é necessariamente fragmentário, cheio de foras-de-campo e falsas pistas... Sim, para contar a sua “verdadeira história”, Joe precisa de fazer valer-se de todos os recursos disponíveis na imaginação do seu ouvinte, Seligman, e da sua própria capacidade de associar as imagens. Uma história verdadeira? Talvez sim. Talvez não.»

Pacôme Thiellement, *Cahiers du Cinéma*